

## **Intervenção de Raul Ramires, em representação do MPPM, na Conferência «50 Anos do 25 de Abril – democracia e liberdade - fascismo nunca mais» organizada pela URAP**

Gostaríamos, antes de mais, de agradecer o convite que a URAP dirigiu ao MPPM para participar na vossa oportuna Conferência Internacional a propósito dos 50 anos do 25 de Abril.

O MPPM – Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e pela Paz no Médio Oriente – tem a sua origem num abaixo-assinado lançado em 2004 intitulado "Não ao Muro de Sharon!". Este abaixo-assinado denunciava a construção de um sistema de muros, checkpoints e outras barreiras físicas e administrativas no Território Palestino Ocupado em 1967, incluindo em Jerusalém e à sua volta, facto que então se planeava e se veio, desgraçadamente, a confirmar.

Em Junho de 2005 um conjunto de personalidades subscreve e publica um texto que é considerado o documento fundador do MPPM, onde se explica a necessidade de construção de um movimento em Portugal dedicado especialmente à defesa dos direitos do povo palestino. Infelizmente, e como sabem, a História veio a dar razão ao alerta então lançado. Entre os subscritores desse abaixo-assinado estavam personalidades destacadas da luta contra o fascismo em Portugal e vários militares de Abril, como Pezarat Correia, Rosa Coutinho e Vasco Gonçalves.

O MPPM é, assim, uma organização não governamental, democrática e apartidária, de solidariedade internacional, que visa promover, no plano da opinião pública, em conformidade com as resoluções das Nações Unidas, o apoio à criação, nos territórios da Palestina ocupados por Israel desde 1967, de um Estado da Palestina, independente e soberano, com uma solução justa para a questão de Jerusalém e para a questão dos refugiados palestinos, bem como o apoio ao estabelecimento de uma paz global e duradoura no Médio Oriente.

Como primeira referência politico-programática, os Estatutos do MPPM definem e consagram essa grande conquista do 25 de Abril em Portugal: a Constituição da República Portuguesa. Em toda a sua actividade o MPPM mantém como referência os princípios consagrados na Constituição, nomeadamente os do respeito dos direitos do homem, dos direitos dos povos, da solução pacífica dos conflitos internacionais e da cooperação com todos os outros povos para a emancipação e o progresso da humanidade. Da abolição do imperialismo, do colonialismo e de quaisquer outras formas de agressão, domínio e exploração nas relações entre os povos, assim como o reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação e independência e ao desenvolvimento, bem como o direito à insurreição contra todas as formas de opressão.

No vosso convite, desafiam as organizações participantes desta conferência a fazer “uma abordagem à situação política nacional e internacional, decorrente dos mais recentes desenvolvimentos, em Portugal e no mundo.” Concordarão certamente que o ponto a que chegou a questão Palestina é, nos dias de hoje, a mais gritante, dolorosa e vergonhosa que se assiste no Mundo. Desde há quase 7 meses Israel, com o apoio mais ou menos explícito, mais ou menos material dos Estados Unidos da América, da União

Europeia e de outros países, leva a cabo no território conhecido como “Faixa de Gaza” uma operação de punição colectiva atroz, bárbara e perversa, de arrasamento indiscriminado, de genocídio contra o povo palestino. Entre os primeiros e principais alvos da acção de Israel têm estado as populações civis, jornalistas, trabalhadores da saúde e as crianças. Escolas, hospitais, campos e caravanas de refugiados, tudo tem sido alvo dos misseis, dos “drones” e das bombas de Israel, fazendo-nos lembrar com terror os regimes fascistas do século xx. É também com estupefacção que assistimos à indiferença e inacção de governos de tantos países face aos evidentes e revoltantes crimes de Israel e ao encobrimento, se não quando lavagem, de uma parte da comunicação social mundial.

Não é só contudo na Faixa de Gaza que os crimes de Israel se manifestam: a perseguição, os assassinatos e o encarceramento de activistas e militantes palestinos prosseguem e agravam-se em toda a Palestina ocupada. Um dos focos da actividade do MPPM, na medida daquilo que os nossos (parcos) recursos permitem, tem sido precisamente a denúncia da prática de Israel relativamente aos presos palestinos e a solidariedade para com os presos palestinos. Em parte, também, porque nos lembramos dos tantos presos políticos portugueses que durante os 48 anos de fascismo em Portugal foram privados da sua liberdade, perseguidos e torturados, sabemos bem da importância do movimento internacional de solidariedade para com os presos políticos portugueses na resistência ao fascismo.

Mas as ameaças à Paz no Médio Oriente não se restringem à acção de Israel contra o povo da Palestina. Israel, umas vezes sozinho outras em coordenação com os países que caucionam politicamente e apoiam materialmente as suas acções provocadoras e criminosas, ataca directa ou indirectamente a Síria, o Líbano, o Iémen, o Iraque e o Irão nestes últimos meses, colocando a região e o mundo à beira duma perigosa conflagração regional ou mesmo mundial.

O MPPM e os seus activistas sempre se empenharam em fazer aquilo que estatutariamente designamos como “mobilizar a opinião pública para uma efectiva solidariedade moral, política, cultural, material e humanitária com os povos que, no Médio Oriente, são afectados na sua segurança e dignidade, e nos seus inalienáveis direitos à autodeterminação, à independência nacional, à democracia e à paz”. Contudo, desde Outubro de 2023, todos os activistas da causa palestina e as mulheres e homens de sã consciência têm-se visto perante a urgência de denunciar, combater e fazer os possíveis para parar o genocídio que Israel desde essa altura está a levar a cabo.

Naturalmente, o MPPM tem tentado corresponder às exigências e temos desenvolvido, a maioria das vezes em conjunto com outras organizações, entre elas a URAP, os mais variados tipos de iniciativas e acções de luta: concentrações e manifestações um pouco por todo o país, organização e/ou participação em debates e conferencias, divulgação de informação ou tomadas de posição próprios ou de personalidades ou outras organizações, apoio e promoção de abaixo-assinados, de eventos culturais de solidariedade com a Palestina e todas as iniciativas que as nossas forças e meios permitem.

Convidamos-vos a seguir as nossas páginas no Facebook ou no Instagram, a visitar a nossa página na internet, a conhecer o nosso livro “O Essencial sobre a Questão Palestina” e, sobretudo, a juntarem-se ao Cordão Humano que se realizará no dia 10 de Maio no Porto ou à Manifestação do dia 11 em Lisboa. Antes disso, e como todos os anos participaremos nas comemorações do Primeiro de Maio, organizadas pela CGTP entre o Martim Moniz e a Alameda, em Lisboa.

Estamos de acordo e afirmamos convosco nestes “50 Anos do 25 de Abril – democracia e liberdade - fascismo nunca mais” e recordamos as palavras de Nelson Mandela quando alertava que a nossa liberdade é incompleta sem a liberdade dos palestinos.

Caros amigos, é fundamental não permitir o apagamento da História e é vital que se honre a História, para que não se voltem a viver os horrores que o fascismo infligiu aos povos de todo o mundo. Hoje, quando alguns saudosistas tentam reabilitar o fascismo e quando em tantos países da Europa e não só, partidos e forças com simpatias mais ou menos declaradas pelo fascismo estão no poder é cada vez mais importante reforçar a resistência antifascista. Contem também com o MPPM para essa luta!

25 de Abril Sempre, Fascismo Nunca Mais!

26 de Abril de 2024